



## APRESENTAÇÃO

Há obras muito superiores aos autores que as escreveram e há autores que emprestam brilho pessoal a obras que não lhes sobrevivem. Mas há também obras e autores que se aliam e mutuamente se completam. Neste último caso, é claro, autor e obra existem por conta própria, independentes um do outro.

O Voltaire apresentado nesta edição junta personagem e obra, pois traz à tona o inveterado missivista, polivalente e “moderno”, de cartas concisas e brilhantemente eficientes – e elas chegam a cerca de dezessete mil, somando treze volumes da edição *Bibliothèque de la Pléiade*.

Os livros de Voltaire que se publicam e vendem até os dias de hoje são sobretudo os das novelas e contos, que não perderam o frescor, e também um pouco dos seus “escritos filosóficos”. Nada mais dos escritos científicos, que ele tanto prezava, nem do seu teatro – de todos os gêneros, o que lhe dava maior prazer, no qual investia suas maiores ambições e que lhe angariou em

vida muitos louros. Do personagem em si, dois séculos e meio depois, nos é familiar sua silhueta esguálida e pontuda, esparramada numa poltrona, de pernas cruzadas e chinelo pendente do pé, assim como seu sorriso sibilino, esculpido por Houdon, famoso como o que se imagina em Sócrates, ou o do gato de Cheshire.

Voltaire, que escreveu também volumosos trabalhos em história, entre eles *O século de Luís XIV*, viveu plenamente o seu século, depois chamado “das Luzes”, “do Iluminismo”, “dos déspotas esclarecidos” etc. Não foi certamente um “revolucionário” – muito lhe teriam desagradado os acontecimentos de 1789, a começar pela derrubada da Bastilha, onde ele próprio esteve preso duas vezes sem que nem por isso se sentisse injustiçado. Era um homem da corte e acreditava no rei da mesma forma como, sem dúvida, acreditava em Deus: julgando merecer uma comunicação privilegiada, livre e direta, sem a intermediação de instituições monárquicas ou católicas.

Vindo da *petite noblesse*, ele aspirava à aristocracia – não só a de sangue, mas também aquela que ele, extraordinariamente para a época, adquiriu: pela cultura e pela civilidade (para não dizer mundanidade). Mas foi traumatizante a lição sofrida aos 31 anos, quando pensou poder, por sua nobreza “adquirida”, responder em pé de igualdade à nobreza de sangue. Para se resguardar, era preciso dinheiro, e em suas cartas vemos também como ele se torna um formidável homem de negócios.

Voltaire cedo havia abandonado seu nome demasiado plebeu, François-Marie Arouet, e buscado aproximação com a corte pelo teatro e pela historiografia, acreditando, sem dúvida,

vir a ocupar o lugar que fora o de Corneille e de Racine. Brillhou nos salões mundanos e iniciou uma menos conhecida, mas não menos brilhante, carreira financeira. No final da vida, ele havia ascendido à nobreza nobiliárquica, à Academia e à fortuna. Como mostram as cartas mais tardias, tornou-se um senhor, um dono de terras e de muitas *almas*, na pura acepção feudal, como a mais antiga aristocracia. Seu sucesso em todos os planos foi total e seu funeral, em Paris, teve proporções inéditas, igualado talvez apenas pelo de Victor Hugo, um século depois.

As cartas aqui selecionadas abrangem o período de 1718 a 1778 e apresentam um panorama do que foi a carreira intelectual e humana de Voltaire. Elas acompanham também seu períplo geográfico, traçado por um temperamento irrequieto e pelo temor da prisão e da censura; temor que o levou a frequentemente escrever sob pseudônimos (além do “oficial”), a renegar seus escritos que, ironicamente, lhe garantem o renome (finge-se surpreender que lhe atribuam *Cândido*, segundo ele uma “obra de colegial”) e a preferir a vizinhança das fronteiras.

Para melhor orientar o leitor, incluímos nesta edição um catálogo dos destinatários das cartas, “janelas” entre elas, procurando situar fatos e personagens atuantes, e também uma cronologia. Como exceção, introduzimos a famosa resposta de Jean-Jacques Rousseau a uma igualmente famosa carta de Voltaire.

A obra desse autor-personagem que sobreviveu ao tempo está naturalmente divulgada e disponível em edições comerciais. Estas *Cartas iluministas*, em número muito abreviado em razão de sua abundância original – e algumas em versão re-

duzida – tentam apontar o personagem nem sempre muito “politicamente correto”, porém o mais representativo do seu século luminoso, que assistiu à ascensão da burguesia. Um século *voltairiano*: revolucionário *malgré soi*.

JORGE BASTOS